

**JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY
JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1**



**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE
INFORMAÇÃO DOS VIAJANTES PARA
A FORMAÇÃO CULTURAL
BRASILEIRA**

**THE IMPORTANCE OF THE
INFORMATION LITERATURE OF
TRAVELLERS FOR BRAZILIAN
CULTURAL CONSTITUTION**

Walace RODRIGUES
Universidade Federal do Norte do
Tocantins UFNT
E-mail: walace@uft.edu.br



RESUMO

Este texto busca pensar um pouco sobre como a literatura dos viajantes do século XVI ao XIX ajudou a moldar um pensamento acerca do Brasil. Acreditamos que esses pensamentos tenham influenciado na formação da “cultura brasileira”. Esse artigo tem caráter analítico/qualitativo e é de cunho bibliográfico. Os resultados preliminares mostram que os relatos dos viajantes lançaram uma primeira ideia sobre o Brasil e ajudaram a sedimentar certas ideias negativas e positivas acerca de nossa cultura e dos grupos formadores de nossa sociedade. Também verificamos que as relações sociais entre os brancos, negros e indígenas sempre foi uma relação de luta por poder, liberdade e resistência.

Palavras-chave: Literatura de informação. Cultura. Brasil.

ABSTRACT

This paper seeks to think a little about how the literature of travellers from the 16th to the 19th century helped to shape a thought about Brazil. We believe that these thoughts have influenced the formation of “Brazilian culture”. This text has an analytical/qualitative character and it is of a bibliographic nature. The preliminary results show that the travellers' reports launched a first idea about Brazil and helped to consolidate certain positive and negative ideas about our culture and the groups that shaped our society. We also found that social relations between whites, blacks and indigenous peoples has always been a struggle for power, freedom and resistance..

Keywords: Information Literature. Culture. Brazil.

INTRODUÇÃO

Esse escrito trata sobre o tema da literatura dos viajantes do século XVI ao XIX, chamada de literatura de informação, e de como tais relatos ajudaram a solidificar um ideário acerca das representações sobre a “cultura brasileira”.

O objetivo desse trabalho é mostrar como a literatura de informação exerceu um grande poder sobre a formação de nossa cultura, já que ela ofereceu as primeiras informações acerca dos brasileiros, seus costumes, hábitos, fazeres, etc, para os que aqui não vieram.

Esse trabalho se justifica pois busca mostrar a importância da referida literatura para a cultura nacional e expõe pontos relevantes, mesmo que equivocados ou negativos, de serem considerados enquanto primeiras representações de nós brasileiros.

Ainda, esse texto se coloca como um texto analítico/qualitativo e de cunho bibliográfico, pois buscamos em livros e artigos científicos as devidas referências para justificar nossa análise.

Vale lembrar que aqui não defendemos a ideia da formação de uma sociedade nacional em igualdade de condições entre brancos, negros e indígenas. Mas buscamos revelar como as contradições e as lutas de grupos que aqui estavam forjaram uma identidade cultural que podemos definir como “brasileira”, apesar de todas as variações de costumes e hábitos regionais existentes no Brasil.

A LITERATURA DE INFORMAÇÃO E A FORMAÇÃO DE UMA “CULTURA BRASILEIRA”

É o crítico literário Antônio Cândido quem nos diz que a literatura tem uma força humanizadora, tornando o homem mais homem e auxiliando em sua formação, pois via “a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (2009, p. 82).

Nesse sentido, a literatura atua na formação das sociedades humanas, ajudando a instaurar formas de vida, costumes, modos de fazer e pensar, enfim, cultura. Acreditando nisso é que vemos a literatura de informação (dos viajantes do século XVI ao XIX) como elemento que demonstrou, em primeiro lugar, as formas de viver dos brasileiros, fossem estes indígenas, negros ou brancos.

Lúcia Gaspar (2009) nos diz como essa literatura começou a formar uma representação sobre as pessoas que aqui viviam e seus costumes:

As narrativas dos viajantes, reunidas em livros, impressos às vezes em mais de uma edição e em diversas línguas, fizeram muito sucesso na época, sendo disputados pelo público interessado em descrições de povos e costumes exóticos. Os viajantes foram, portanto, os grandes cronistas da vida brasileira dos séculos XVI a XIX, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil (GASPAR, 2009, s/p).

Vários foram os viajantes (aventureiros, naturalistas, etc) que escreveram suas narrativas acerca do Brasil e de suas passagens por aqui. Alguns deles foram Hans Staden, Jean de Léry, Henry Koster, Louis François de Tollenare, James Henderson, Johan Moritz

Rugendas, Maria Graham, Johan Baptist Von Spix e Karl Friedrich Philip Von Martius, Richard Francis Burton, entre outros.

Vemos que tal literatura de informação fez com que tivéssemos as primeiras representações acerca da “cultura brasileira”. Tais representações formaram ideias sobre o que era o Brasil e como as pessoas viviam aqui, construindo significados em relação a uma “cultura brasileira” colonial em construção.

Stuart Hall (1997) nos informa que em cultura é muito importante a maneira como construímos significados e que o sistema de classificação (como conceitualmente agrupamos informação) é aprendido dentro de uma sociedade. Ele ainda acredita que a ideia central para entender como construímos significação enquanto cultura é através da representação. E enquanto representação, ele nos diz que é a maneira na qual significado é dado para coisas descritas (mimicamente, verbalmente, visualmente, etc).

Nessa mesma linha de pensamento de Hall, podemos dizer que a literatura de informação começou a fornecer ao mundo as primeiras representações sobre a “cultura brasileira”, sedimentando ideias acerca do Brasil, suas gentes e seus costumes. Clifford Geertz (2008) nos mostra que a cultura se prende a específicos significados simbólicos, caracterizando um determinado grupo:

[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, Hopi e italiana, de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico (GEERTZ, 2008, p. 36).

Também todas as relações sociais dos indígenas com os europeus, dos europeus entre si, dos europeus e indígenas, dos europeus com os negros, do povo da terra, etc, eram baseadas no poder colonial e, em seguida, imperial. E foi isso que os viajantes europeus deixaram-nos ver em suas narrativas. As narrativas sobre as tentativas de catequizar os indígenas e de submissão dos negros escravos foram recorrentes na literatura de informação, pois esses fatos causavam estranheza aos estrangeiros que por aqui passaram.

No século XIX, as múltiplas expedições científicas e exploratórias que tiveram o Brasil como destino representaram o indígena como uma figura desumanizada, mas também como “impuros”, “degenerados”, “incivis”, “selvagens”, entre tantos outros adjetivos depreciativos, auxiliando na criação de esterótipos negativos em relação aos vários grupos indígenas brasileiros. Ainda, os indígenas, incluindo muitos povos

reconhecidamente de bravos guerreiros, relutaram em servir de trabalhadores para os colonizadores. Marília Amaral (2008) exemplifica estes discursos estereotipados em relação aos indígenas:

No século XIX, a essência do índio não é concebida como pura. As teorias raciais que se formavam desde final do século XVIII impregnaram os cientistas e racionalistas. Os indígenas, os negros, os mestiços..., todos eram raças degeneradas, selvagens, que precisavam ser civilizadas. A cor, a fibra do cabelo, as medições dos narizes, a angulação dos olhos, estas características assinalavam as diferenças raciais. As teorias eugênicas estavam calcadas na ideia de raça pura, branca e, portanto, civilizada. Os discursos ocidentais acerca dos índios sofreram diversas modificações entre os séculos XVI e XIX. As visões quinhentistas possuíam um caráter mais ameno no que se refere à percepção dos ameríndios. Havia uma aceitação, como já foi explicitado anteriormente, da essência humana e pura do índio, caso ele adentrasse no mundo cristão. Esta percepção é modificada de forma contundente no século XIX. O sentimento de superioridade extrapola os limites da razão. Os cientistas e teóricos invadem as florestas e aldeias, estereotipando os povos não europeus, ou não arianos, taxando-os de impuros e incivis (AMARAL, 2008, p. 9).

Tais relações sociais de poder compuseram importante parte das narrativas dos viajantes que por aqui passaram. Um exemplo claro vindo dessas histórias dos viajantes foi a do estereótipo do indígena enquanto “preguiçoso”. O historiador João Pacheco do Oliveira nos diz que:

É fundamental assim que façamos aqui um esforço de crítica a esquemas analíticos e narrativos que são aplicados em geral para compreender a presença indígena no Brasil atual. Trata-se de uma história de interpretações do Brasil baseadas em categorias coloniais e imagens reificadoras que precisam ser revistas, pois os instrumentos de essencialização com que operam não servem mais nem para a pesquisa científica, nem contribuem para o aumento do protagonismo indígena ou o estabelecimento de melhores políticas públicas. É imprescindível implodir esta narrativa, anular os seus efeitos de verdade e instituir outra chave de leitura da história do país (OLIVEIRA, 2010, p. 12).

Nesta mesma linha de pensamento acerca do uso do poder através da força e da estereotipificação negativa, Michel Foucault nos mostra que o poder está nas relações sociais entre os indivíduos, determinando condutas. No caso desse trabalho, vimos que as elites brasileiras detinham a maior parte do poder econômico e, até mesmo, do poder simbólico.

Quando digo “o poder”, não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é

uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus (FOUCAULT, 1981, s/p). (Aspas do texto original).

Ainda, o poder expressivo dos estereótipos formulado por aqueles que detinham os mecanismos de escrita na época, fazia com que tais estereótipos tomassem força de “verdade” para muitos que jamais haviam estado por essas terras brasileiras. O professor Wallace Rodrigues explica-nos sobre o funcionamento do mecanismo de estereotipar:

Podemos dizer que um estereótipo (do grego: “stereo” = “duro, firme” + “tipo” = “marca, modelo”) é uma representação que se forma através de um modelo estabelecido como padrão, simplificando as individualidades por meio de características específicas do grupo. O problema dos estereótipos é que eles geralmente se relacionam ao preconceito por determinados grupos humanos, servindo como fontes de piadas e não levando em conta as especificidades de cada ser humano (RODRIGUES, 2014, p. 2).

Também, várias gravuras de negros trabalhando, durante o Brasil colônia e império, entraram para ilustrar obras impressas brasileiras de literatura de informação. Wlamyra Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006), confirmando o que mostramos, deixam-nos ver a importância fundamental do trabalho dos negros escravos na produção de riquezas no Brasil:

Por mais de trezentos anos a maior parte da riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo. As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana, café, cacau, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos. Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitandeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 65).

Como podemos notar, essa literatura de informação trouxe-nos elementos para formar ideias primeiras sobre o Brasil. Sabemos que nem sempre esses elementos foram descritos de forma coerente, mas eles ficaram no imaginário das pessoas como sendo elementos fundadores e que fazem parte de uma “cultura brasileira”. E essa “cultura brasileira” pode ser tomada, aqui, como um imaginário sobre o ser um brasileiro, com seus costumes específicos, seus saberes, seus fazeres, suas formas de viver, etc.

Também, a escravidão dos negros no Brasil colônia e império chocou os europeus que por aqui passaram. O grande número de escravos negros era algo estranho para tais viajantes. A historiadora Lilia Schwarcz (2018) nos fala sobre essa enorme quantidade de escravos negros enviados ao Brasil e como nossa sociedade colonial dependia deles:

O Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão. Às vezes as pessoas falam que foi o último das Américas, mas não. De fato, era chamado na época de retardão. Tardou demais. As estatísticas oscilam, mas indicam que o país teria recebido entre 38% a 44% da quantidade absoluta de africanos obrigados a deixar o continente (SCHWARCZ, 2018, s/p).

Essa imensa gama de escravos no Brasil foi retratada em nossa historiografia e iconografia, inclusive na literatura dos viajantes, mostrando, como a literatura de informação ajudou a formar as significações acerca do que é o Brasil e de nossa cultura nacional. As especificidades regionais e de origem foram deixadas de lado e retratávamos como um povo único e com os mesmos costumes.

Ainda, não podemos pensar que a inclusão forçada do negro africano na escravidão para a produção de riquezas tenha sido uma tarefa pacífica. Ao contrário, houve muitas lutas por liberdade por parte dos negros escravos. Paulo Freire (1994) diz-nos que:

A herança brasileira é colonial, de natureza autoritária. E temos nessa herança a sublevação da liberdade. Mas temos também, ao longo da nossa história, as expressões de luta contra a repressão, os “Quilombos”. Vivemos no Brasil de um lado a repressão, de outro os quilombos. E eu vejo os quilombos como a expressão da ansiedade legítima de liberdade (FREIRE, 1994, p. 9).

Neste sentido, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” revelam a luta dos negros no Brasil:

Reconhecer exige que se questionem relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual. Reconhecer é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas. Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana (BRASIL, 2004, p. 12).

Uma iconografia específica sobre os negros escravos na literatura de informação, como aquela executada por Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas, por exemplo, mostravam o contante trabalho dos negros no Brasil da época. Tais representações revelam que a força de trabalho do negro escravo era o que movia a economia local. E isso, por si só, já destrói o estereótipo de que os negros não trabalhavam e eram preguiçosos.

Também, Wallace Rodrigues (2014) nos diz que as artes detêm um importante papel na formação ou na destruição de estereótipos:

[...] as artes (música, teatro, visuais, etc.) tem um papel fundamental na crítica construtiva em relação a representações equivocadas e construídas para desmerecer certos grupos da sociedade brasileira. Não só os negros são alvos de estereótipos negativos, mas os indígenas também o são, assim como os homossexuais, ou os judeus, entre tantos outros grupos sociais (RODRIGUES, 2014, p. 10).

Desta forma, todas as produções iconográficas (ver figura 1) inseridas nas publicações de literatura de viajantes do século XVI ao XIX que por aqui passaram podem auxiliar-nos a compreender um pouco mais sobre a formação de uma “cultura brasileira” própria, com seus costumes, modos de vida e de expressão social.

Obviamente sabemos que tais representações literárias e imagéticas foram fruto de um específico *zeitgeist* (espírito do tempo) e são uma construção discursiva a partir de fatos vistos e ou narrados. Isso faz com que elas sejam imprecisas e cheias de erros. Porém, elas podem nos fornecer pistas de como nos tornamos o que somos hoje enquanto sociedade.

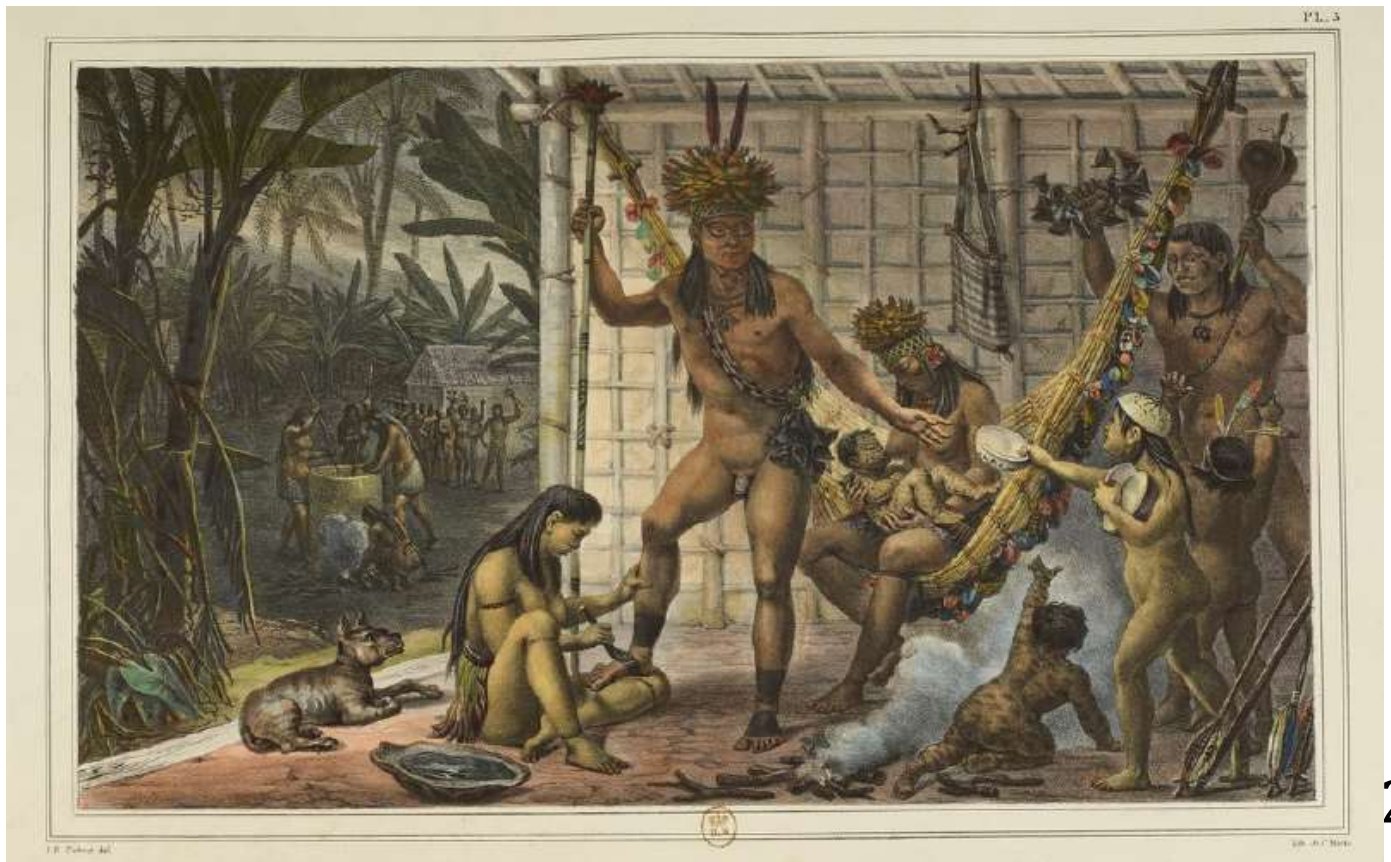


Figura 1. “*Famille d'un chef Camacan se preparant pour une fête*” (“*Família de um chefe Camacan preparando-se para uma festa*”, tradução nossa). Gravura de J. B. Debret.
Fonte: DEBRET, J. B. *Voyage pittoresque et historique au Brésil* (1834).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que os relatos dos viajantes lançaram uma primeira ideia sobre o Brasil e ajudaram a sedimentar certos pontos de compreensão sobre nossa cultura, inclusive os estereótipos. Isso ficou claro em relação aos grupos humanos que aqui viviam e às relações de poder existentes e os costumes locais.

Tal literatura de informação parece ter tido uma força muito maior do que a de simplesmente informar, mas acabou por sedimentar representações sobre o que seria o Brasil de então. Infelizmente, como nos mostrou João Pacheco de Oliveira, algumas representações forjadas durante os períodos colonial e imperial ainda persistem em forma de estereótipos negativos.

Neste sentido, fazer com que nossos estudantes conheçam, nos espaços educativos, textos e imagens escolhidos da literatura de informação pode auxiliar na quebra de estereótipos sobre indígenas, negros, costumes, crenças, etc. Há que desconstruir tais

discursos escritos e imagéticos através de uma crítica coerente e que valorize todos os grupos que formaram o que poderíamos chamar de “cultura brasileira”. Mas não esquecendo os vários conflitos existentes entre esses grupos e que ainda persistem no Brasil atual.

Compreendendo os fragmentos de textos e imagens da literatura dos viajantes como artefatos culturais cheios de discursos, poderemos verificar neles potencialidades pedagógicas para auxiliar-nos na discussão de questões atuais como racismo, xenofobia, diferenças culturais, identidades, entre outros pontos.

Devemos deixar nossos estudantes entenderem que tal literatura teve grande impacto na maneira como éramos vistos, fazendo com que percebam que os estereótipos são representações criadas com finalidades específicas e que não condizem com a verdade dos fatos culturais de nossa história.

Assim, a escola deve contribuir positivamente, deixando ver as riquezas culturais dos povos indígenas e afro-brasileiros que aqui estavam ou foram trazidos à força, além dos vários imigrantes das várias partes do mundo.

Uma abertura aos “outros” e aos conhecimentos destes “outros” da história pode fazer toda a diferença na quebra de estereótipos negativos. Prosser (2009) diz-nos que é necessária uma abertura aos saberes e fazeres dos outros grupos nacionais e que tal descoberta deve ser compartilhada com as crianças na escola:

[...] para podermos compreender as manifestações culturais e artísticas de outros grupos, mesmo as do nosso próprio país, precisamos nos despojar dos nossos modelos e da pequenez do nosso mundo particular. Precisamos nos abrir para observar e, especialmente, para compreender as razões que levam tal comunidade a dançar e a cantar assim, ou de outra maneira. Precisamos de humildade para não afirmarmos que somos mais adiantados tecnologicamente e que, portanto, não temos nada a aprender com os outros. Devemos tentar entender, descobrir as minúcias, experimentar as emoções e as visões de mundo daqueles que não conhecemos (PROSSER, 2009, p. 65).

Ainda, vemos que a literatura detém uma imensa forma de criação de imagens acerca de lugares, pessoas, coisas, etc, forjando uma leitura pessoal e única a partir de determinado texto. Daí a necessidade de sempre questionarmos o que lemos e não aceitarmos tudo que está colocado nas várias formas de textos com uma força de “verdade”.

Concluindo, vemos como a literatura de informação dos viajantes do século XVI ao XIX teve grande influência em nossa forma de conceber o Brasil e na sedimentação de um imaginário sobre o que seria nossa “cultura nacional”. Podemos dizer que tal literatura

forneceu as bases para se conceber o Brasil assim como o conhecemos hoje, apesar de todos os estereótipos negativos em relação aos indígenas e negros. Mas devemos reconhecer e valorizar as lutas históricas desses grupos, ainda hoje, para terem acesso aos serviços do Estado e serem cidadãos brasileiros pelos de direitos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W. R. de; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2020.

AMARAL, M. P. V. do. O conceito de alteridade atrelado à evolução da representação social do índio no Brasil (séculos XVI, XVII e XIX). IN: **Revista Clio**. Arqueologia, número 23, volume 2, 2008, da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://www.ufpe.br/clioarq/index.php?option=com_content&view=article&id=321&Itemid=267>. Acesso em 10 abr. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília – DF, Outubro, 2004.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. IN: **Revista Remate de males**. Campinas, Unicamp, 2009, pág. 81-90.

DEBRET, J. B. **Voyage pittoresque et historique au Brésil**, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831. Tome I. Paris: Firmin Didot Frères Imprimeurs de L'Institut de France, 1834.

FOUCAULT, M. **Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981** – Tradução de Anderson dos Santos. Disponível em: <<http://clinicand.com/2018/04/15/entrevista-com-michel-foucault/>>. Acesso em 17 jun. 2019.

FREIRE, P. Ensinar, Aprendendo. IN: **O Comunitário**. Publicação da Escola Comunitária de Campinas. Março de 1994, edição número 38, ano VI, pág. 5-9. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3010>>. Acesso em 10 abr. 2020.

GASPAR, L. **Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX)**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ª edição, 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, S. Old and new identities, old and new ethnicities. IN: **Culture, globalization and the world-system**. University of Minnesota Press, 1997, pág. 41 a 68.

OLIVEIRA, J. P. de. O Nascimento do Brasil: Revisão de um paradigma historiográfico. IN: **Anuário Antropológico**. 2009/1, 2010, pág. 11-40.

Walace RODRIGUES. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE INFORMAÇÃO DOS VIAJANTES PARA A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA. JNT-Facit Business And Technology Journal - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1. Março 2021 - Ed. Nº 24. Vol. 1. Págs. 213-223.

PROSSER, E. S. **Ensino de Artes**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

RODRIGUES, W. A “Ladeira da Preguiça” e o estereótipo histórico da preguiça dos negros. IN: **Anais do IV Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder**. 23 a 25 de setembro de 2014. Universidade Federal de Goiás, campus Jataí. Disponível em: <[http://congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(271\).pdf](http://congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(271).pdf)>. Acesso em 28 mar. 2020.

SCHWARCZ, L. Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora. IN: **BBC Brasil**. Entrevista de 10/0/2018, s/p. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/brasil-viveu-um-processo-de-amnesia-nacional-sobre-a-escravidao-diz-historiadora-10052018>>. Acesso em 19 jun. 2019.